

E-terms: descrição e hipótese de classificação

Mafalda ANTUNES, Susana CORREIA e Rita GONÇALVES

1. Nota introdutória

A observação dos neologismos, incluindo os neologismos de especialidade, permite dar conta da língua em evolução. A área do Comércio Electrónico é bastante propícia ao aparecimento de novas unidades terminológicas, devido ao seu grande desenvolvimento na actualidade. Justifica-se, por isso, um estudo mais aprofundado de alguns fenómenos recorrentes na sua terminologia.

A AIT (Associação de Informação Terminológica) encontra-se a colaborar no *Glossário Pan-Latino de Comércio Electrónico*, um projecto da Rede Pan-Latina de Terminologia (Realiter), participando no estabelecimento dos equivalentes em língua portuguesa para uma lista de unidades terminológicas. No decorrer desta investigação, constatou-se a existência, em português, de um conjunto de termos - os quais denominaremos neste trabalho de *e-terms* - com uma estrutura particular, ocorrendo de modo recursivo e produtivo nesta área.

Partindo da constatação deste fenómeno, procedeu-se à elaboração de um *corpus* representativo da estrutura e conceito subjacentes a estas formas, com base em livros e revistas de especialidade, jornais e Internet (cf. Anexo I).

Com esta comunicação, pretende-se apresentar os resultados de uma análise das características ortográficas, morfo-sintácticas e semânticas destas construções, tendo em conta o seu carácter neológico, isto é, o modo como estas “novas unidades lexicais” surgem, se formam e se integram na língua. Discutir-se-ão alguns aspectos teóricos que conduzam a uma hipótese de classificação deste tipo de elementos.

Assim, num primeiro momento explorar-se-á o carácter neológico dos *e-terms* e, num segundo momento, procurar-se-á fazer uma descrição morfo-sintáctica deste tipo de unidades, bem como a sua classificação tipológica.

2. Neologia

2.1 Carácter neológico dos *e-terms*

Os *e-terms* apresentam uma estrutura que os particulariza em relação aos itens lexicais comuns. No seu seio é possível, ainda, distinguir diferentes tipos de unidades.

Dado estarmos a trabalhar com *e-terms* de carácter neológico, contituiu-se um *corpus* de exclusão com base em dicionários de língua recentes que se considerou melhor representarem o vocabulário activo da língua portuguesa (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências, e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora.). Os itens tratados nesta comunicação são, portanto, apenas os não atestado nesse *corpus* de exclusão¹.

Os *e-terms* aparecem com alguma frequência em jornais e revistas (de especialidade) e ainda na Internet, meio que, de facto, se pode considerar o seu grande centro difusor.

Nesta comunicação entende-se por *e-termo* cada uma das unidades que apresenta na sua estrutura a partícula *e* com o significado de *electronic*/electrónico (exemplos: *eCommerce* - por *electronic commerce* -, *comércio-e* – por *comércio electrónico*, etc).

Como é característico das unidades neológicas, também os *e-terms* revelam uma grande instabilidade que se reflecte a vários níveis: ao nível da ortografia, uma vez que os aspectos tipográficos apresentam alguma variedade; ao nível morfo-sintáctico, uma vez que apresentam alguma especificidade relativamente ao modo como são formados; por fim, ao nível semântico, devido à facilidade com que estes termos são sujeitos a extensões semânticas para outros domínios da experiência (exemplos: *e-professor* e *cultura-e*).

Trata-se de unidades alógenas, uma vez que provêm de um sistema linguístico estruturalmente diferente, sendo, portanto, dificilmente integráveis na língua de chegada².

As importações de palavras podem constituir um enriquecimento para a língua, já que permitem a denominação de conceitos até então não formulados na

¹ Com base no trabalho de Alain Rey (1976), pode definir-se, sumariamente, *neologismo* como unidade lexical não atestada no vocabulário activo da língua em causa, no estágio imediatamente anterior ao momento considerado.

² Para o desenvolvimento desta questão cf. Pierre Lerat (1987), “Le traitement des emprunts en terminographie et en neographie”. In *Cahiers de Lexicologie*, n° 50, pp. 137-144.

língua alvo. Os *e-terms* em particular são termos de uma área de especialidade onde os movimentos de vocabulário entre línguas acompanham a importação da produção científica e técnica.

2.2 Formas de integração

As palavras de origem estrangeira chegam às línguas a todo o momento, por via das ciências, das técnicas e de outras realidades que nos rodeiam. Tratando-se este trabalho de um estudo da área do *e-business*, espera-se a ocorrência de um elevado número de termos com origem anglo-saxónica, cuja integração no português se processa de uma forma assistemática.

À partida, os *e-terms* recolhidos são, como seria de prever, maioritariamente substantivos e apresentam vários níveis de adaptação ao nosso sistema linguístico:

- Empréstimos que são usados na sua forma original: *e-Business*, *e-commerce*.
- Construções híbridas em que o nome se mantém na forma original e é modificado por um adjectivo português: *e-marketplaces horizontais*.
- Criação de equivalentes, respeitando a sintaxe do inglês: *e-formação*, *e-professor*
- Criação de equivalentes respeitando a sintaxe do português: *cidadania-e*, *Cultura-e*.

Como se verifica, a partir dos exemplos acima apresentados, estas formas são utilizadas aleatoriamente, sem que haja uma sistematização formal ou contextual. Este facto mostra que a integração de alguns destes termos está ainda numa fase inicial, até porque já se verifica, num número significativo de casos, a adaptação destes termos aos sistemas fonológico, morfológico e sintáctico do português.

3. E-Terms: Descrição

3.1 O fenómeno *e-mail*: origem dos *e-terms* em português

Sabendo a constituição interna dos *e-terms* torna-se inevitável remeter para o termo *e-mail*, pois considera-se que este está na origem de todo o “e-fenómeno”. A era informática e o seu desenvolvimento espoletaram o uso massivo da Internet e, consequentemente, possibilitou o acesso ao correio electrónico por parte de um grande número de utilizadores, não só pela sua vertente prática e eficaz na comunicação, mas também por se ter tornado um fenómeno de moda.

O termo *e-mail* é usado com grande frequência pelos falantes do português, uma vez que é mais económico e polissémico, constitui factor de prestígio e, para além disso, o facto de não existir uma política de língua que fomente o uso corrente de equivalentes no português, fez com que o termo originalmente importado se expandisse com mais facilidade relativamente ao seu correspondente *correo electrónico*.

O termo *e-mail* é tão frequentemente utilizado que rapidamente perdeu o seu estatuto de neologismo e apareceu atestado no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências (2001) como uma abreviação do inglês *electronic mail*. Esta atestação comprova a integração do termo no vocabulário do português.

Por extensão, surgem termos relacionados com actividades e negócios que se realizam a nível electrónico, como *e-business*, *e-commerce*, *e-learning*, *e-marketing*, que a nível das áreas de especialidade perdem o seu carácter alógeno e se tornam transparentes no sistema linguístico que os acolhe.

3.2 Expansão da estrutura dos *e-terms*:

Principalmente a partir do momento em que a comunicação electrónica se expandiu e “invadiu” todos os domínios, os grupos sociais e as empresas com ramos de actividade que se encontram directa ou indirectamente ligados à rede, têm criado, importado e adaptado uma multiplicidade de termos para servir as suas necessidades ou, tão somente, para demarcar a sua posição e importância tanto a nível social como económico.

Sendo a forma mais globalizante de comunicar, os termos usados são familiares a um grande número de indivíduos e têm a capacidade de remeter imediatamente para uma realidade definida.

A estrutura dos *e-terms*, sendo económica e eficaz, tem sido adoptada por várias áreas de actividade, sendo a partícula *e-* de *electronic*, substituída por outras, como *c-* em “C-learning”(classroom-learning), *b-* em (blended-learning), *m-* em (mobile-commerce ou multi-learning), *t-* em (transport-commerce ou television-commerce) e *i-* em (informativo).

No quadro seguinte pode verificar-se que, seguindo a estrutura dos *e-terms* (partícula por vezes seguida de hífen, mais um nome), surge um conjunto de outras possibilidades, mostrando a produtividade dessa estrutura:

E-business	e-Learning	e-commerce
e-business	E-Learning	M-commerce
e-Business	C-Learning	m-commerce
e-Business multi-canal	C-learning	T-commerce
e-Business optimizado	M-learning	t-commerce
eBusiness	B-learning	eComércio
M-Business	e-formar	
E-Negócio	e-formação	

Devido às vantagens que apresentam, estas formas têm sido amplamente utilizadas para nomear empresas directamente ligadas à Internet ou sítios.

3.3 Tipologia dos *e-terms*

A língua portuguesa revela alguma instabilidade no uso destes termos, precisamente devido ao seu carácter neológico e à ausência de normatização linguística. Adoptando um critério gráfico, é possível distinguir no *corpus* quatro tipos de *e-terms*:

Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4
e-business	eBusiness	cidadania-e	E-nigma
e-Business multi-canal	ebairro	Cultura-e	e-mpresa
e-commerce	eComércio	camara-e	E-gloob
e- Transformação	eCRM/IRM	nova-e	e-ditorial
e- Negócio	Emarketeer	esportes-e	
E-gov	eBay	canal “e”	

Tipo 1

No tipo 1 verifica-se que os termos são utilizados segundo a construção original, onde *e-* (de *electronic*) aparece como primeiro elemento do composto e o modificador surge à esquerda do núcleo. No entanto, dentro deste tipo, é possível encontrar uma grande variedade de construções, considerando-se os seguintes subtipos:

Subtipo 1: Termos importados do inglês (*e-* + base inglesa) **Exemplos:** *e-business*, *e-commerce*, *e-transformation*, *e-learning*, *e-Government*, *e-procurement*, *e-tailing*, *e-location*, *e-banking*, *e-solutions*, *e-deliver*, *e-store*, *e-consulting*, *e-financial*.

Subtipo 2: Termos que apresentam estrutura inglesa, mas em que o segundo termo do composto é português e em que o elemento *e-* é estritamente parafraseável por electrónico. **Exemplos:** *E-Negócio*, *eComércio*, *e-transformação*, *e-formação*, *e-formar*, *e-professor*, *e-democracia*.

Subtipo 3: Termos que, tal como o subtipo 2, apresentam a estrutura inglesa, mas com o segundo elemento do composto em português. **Exemplos:** *e-pipoca*, *e-futebol*, *e-tudo*, *e-bola*, *e-palco*, *e-especial*. No entanto, *e-pipoca* não significa uma “pipoca electrónica” (como um *E-Negócio* significa um *negócio electrónico*), mas sim, um sítio na Internet sobre cinema; o termo *e-bola*, não significa uma “bola electrónica”, mas sim, um sítio na Internet sobre futebol, etc. Na prática, o que se verifica é uma extensão semântica do elemento *e-*, que passa a ser parafraseável por “na Internet”.

No **Tipo 1** verifica-se, ainda, a ocorrência de termos analisáveis em que ao *e-* termo se junta um adjectivo que qualifica todo o composto. **Exemplos:** *e-Business multicanal*, *e-Business optimizado*, *e-marketplaces horizontais*, *e-Marketplaces privados*, *e-Marketplaces públicos*, *e-Marketplaces verticais*.

Finalmente, um caso, ainda, em que se verifica uma “dupla truncação”, constituída pela truncação de *electronic* + a truncação de *government*, originando o termo *e-gov*. Trata-se de um *hapax* que pode indiciar que a tentativa de redução é tão forte que mesmo o segundo elemento do composto é truncado. O mesmo acontece com expressões como *disco-pub* (*discoteca* + *public house*).

Tipo 2

O tipo 2 consiste noutra variante gráfica, constituída por *e-termos* grafados sem hífen. **Exemplos:** *eBusiness*, *ebairro*, *eComércio*, *eCRM/IRM*, *Emarketeer*, *eBay*.

Tipo 3

No tipo 3 verifica-se uma construção de acordo com a sintaxe do português, como em *cidadania-e* (por *cidadania electrónica*), passando o modificador a aparecer à direita do nome.

Tipo 4

Os termos pertencentes à “família *e*” servem, neste momento, uma multiplicidade de propósitos dentro da Rede. Sendo a sua forma gráfica (*e-...*) imediatamente conotada com a Internet, é natural que muitos sítios de empresas e outras entidades encontrem vantagens em nomear o seu espaço digital utilizando um *e-termo*.

No tipo 4 verifica-se que, para além da necessidade, a criatividade tem muito a dizer no mundo da comunicação e muitas palavras cuja representação ortográfica começa pelo fonema /e/ foram recriadas, resultando em formas como *E-nigma*, *empresa*, *E-gloo*, *e-ditorial* (cf. ponto 3.5).

3.4 Classificação morfológica

Para uma melhor descrição dos *e-termos*, deve começar por definir-se se *e-* se trata de uma abreviatura ou truncção do adjectivo *electronic*. Independentemente de a truncção ser uma forma de abreviação, é necessário distinguir, por exemplo, *V. Ex.^a*, de *metro*.

Uma vez que, por vezes, se confundem os dois conceitos, esta distinção torna-se pertinente para a descrição morfológica apresentada mais adiante.

No âmbito da Paleografia, área do saber à qual cabe estudar a origem, a forma e a evolução de toda a escrita, a abreviatura assume um papel de grande importância. Assim, segundo António Cruz (1987) “entende-se por abreviatura a redução do número de letras que compõem uma palavra, sem prejuízo da sua interpretação.”

Cunha e Cintra (1984), por exemplo, parecem inserir truncção e abreviatura naquilo a que chamam de “abreviação vocabular”, definida genericamente como “redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão”, e dá o exemplo de *auto* por *automóvel* ou *ónibus* por *auto-ónibus*. O mesmo acontece em Correia (no prelo), que apresenta como sinónimos “truncção ou abreviação vocabular”, definindo-os como “processo pelo qual a forma de uma palavra se reduz,

tornando essa unidade mais facilmente utilizável”, dando os exemplos de *metro* por *metropolitano* e *otorrino* por *otorrinolaringologista*.

O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* considera, porém, abreviatura como a “representação de uma palavra ou expressão com menos letras do que as da sua grafia normal. V. Ex.^a é a abreviatura de Vossa Excelência.”.

O *Dicionário de Termos Linguísticos*, por seu lado, distingue ambos os conceitos. Define *abreviatura* como “grafia que permite economizar o espaço ou o tempo necessários para a escrita de uma palavra, mediante a omissão de certas letras; as letras omitidas podem, eventualmente, ser substituídas por um sinal convencional”. O mesmo dicionário define *truncação* como o “processo de redução de uma palavra sem alteração do seu significado ou da sua categoria sintáctica” e dá como exemplos de truncações, *prof* (por professor/a), *facho* (por fascista) e *metro* (por metropolitano).

Ora, parece-nos que, por abreviatura se entende a redução, com alteração da forma e sequência gráfica, de uma palavra, de que são exemplos *Ex.^{mo}* (por excelentíssimo), *Sr.^a* (por senhora) ou *V. Ex.^a* (por Vossa Excelência). Trata-se, sobretudo, de uma convenção gráfica que não constitui um processo de criação de novas unidades lexicais.

Por truncação, entendemos o processo de criação lexical através do corte de parte da palavra, o que também implica alteração na forma gráfica, como em *prof* (por professor) ou *fac* (por faculdade).

Nesta medida, entendemos que *e-* é um elemento de composição que resulta da truncação do adjectivo inglês *electronic*³. Esta posição é defendida em Vigário (2001: 268) que considera uma palavra como *e-mail* o resultado de truncação (“clipping”). A definição apresentada (“deletion of part of a word, while the meaning and the morphosyntactic properties of the original expression are maintained”) é válida para os *e-terms*.

Considerando que *e-* é a truncação de *electronic*, coloca-se agora a questão sobre a natureza morfológica deste tipo de termos.

Poder-se-á argumentar que, dadas as suas características fonológicas, (/e/) está mais próximo de ser um prefixo do que um elemento de composição. Essa posição é defendida, por exemplo, em Canuto (2001) que propõe formações como as de *e-*

³ Apesar de se poder pensar que *electro* poderia ser a truncação de *electrónico*, como em *electrochoque* ou *electromagnético*, essa é uma assunção errónia, uma vez que esse elemento, para além de dever ser considerado um (pseudo-)prefixo, como em Cunha e Cintra, não remete para *electrónico* mas para *eléctrico* e pode ser parafraseado como “relativo à electricidade”.

commerce são “compostos a partir de elementos prefixais truncados”⁴. Porém, sendo a truncação de uma palavra, não considerámos que pudesse haver qualquer tipo de prefixo. A possibilidade de *electro* ser um prefixo foi excluída, já que se trata, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, de um elemento de formação que exprime a ideia de *electricidade*, e não a de *electrónico* (“que funciona segundo as leis da electrónica”).

A ideia de que os *e-terms* são palavras formadas por composição é reforçada pela definição que Villalva⁵ dá deste tipo de formação. Para a autora, *composição* é um processo “que consiste na concatenação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras”.

Aceitando, então, que os *e-terms* são compostos, interessa agora esclarecer se se trata de compostos meramente morfológicos ou morfo-sintáticos⁶.

A possibilidade de haver, na formação dos *e-terms*, um processo de composição morfológica é excluída quando este “exige a presença de uma vogal de ligação como delimitador de fronteira entre os radicais”. De facto, seja em *e-commerce*, seja em *comércio-e*, não há qualquer espécie de vogal de ligação.

A composição morfo-sintática, por seu lado, acontece sempre que os elementos da composição sejam “unidades lexicais que ocupam posições terminais nas estruturas sintáticas, mas que [tenham] uma estrutura híbrida, com propriedades das estruturas sintáticas e morfológicas” (por aqui se entende, nomeadamente, relações de concordância de género e número). Parece-nos ser este o caso dos *e-terms*.

Se, de facto, *e-* for *electronic* (em português, *electrónico*), há, então, relações de concordância que se estabelecem entre os elementos do composto: temos, por exemplo, *cidadania-e* que, por extenso, é *cidadania electrónica* e nunca **cidadania electrónico* ou **electro-cidadania*. Temos, também *esportes-e*, que correspondem a *esportes electrónicos*, e não a *esportes electrónico*⁷.

Vigário (2001) considera igualmente que *e-mail* é um composto formado morfo-sintacticamente por duas palavras.

⁴ tradução nossa para “... composés à partir d’éléments préfixaux tronqués...”

⁵ in Mateus et al. (no prelo), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.

⁶ A distinção de Villalva (no prelo) e parece-nos bem mais funcional e explicativa do que a de aglutinação/justaposição, onde muitas vezes, apenas a ortografia contribui para estabelecer fronteiras.

⁷ *Esportes* é uma palavra do Português do Brasil, variedade também considerada na composição do *corpus* deste trabalho.

3.5 Entrada dos *e-termos* no português: produtividade / criatividade.

O modo como os *e-termos* são integrados no português são um exemplo de produtividade e criatividade.

Como é referido em Correia (1999), “Lyons (...) distingue os conceitos de ‘produtividade’ e ‘criatividade’, postulando o seguinte: enquanto que a produtividade é uma característica inerente ao sistema linguístico, a criatividade é a capacidade do falante de alargar o sistema linguístico por meio de princípios de abstracção e comparação imprevisíveis, mas motivados (cf. Lyons 1977b⁸:548-549)”.

Para demonstrar que a produtividade inspira a criatividade, e de acordo com os tipos observados no *corpus*, parece-nos pertinente propôr uma sequência de entrada dos *e-termos* no português, a qual apresentamos e explicamos em seguida:

(1) <i>e-mail</i> → (2) <i>e-commerce</i> → (3) <i>e-democracia</i> → (4) <i>comércio-e</i> → (5) <i>e-nigma</i>
--

(1) *e-mail*: parece ter sido o primeiro elemento a entrar na língua, sendo o termo precursor deste fenómeno, aos níveis gráfico e conceptual.

(2) *e-commerce*: importação de outros elementos ingleses não modificados da mesma rede semântica.

(3) *e-democracia*: importação da estrutura sintáctica inglesa, com adaptação do segundo elemento para português.

(4) *comércio-e*: adaptação total à estrutura sintáctica do português.

(5) *e-nigma*: reanálise de palavras do português, motivada pela grafia e por começarem pelo fonema /e/, atribuindo-lhes nova interpretação.

A partir desta descrição, pode constatar-se que a criatividade se exprime na reanálise ilustrada em (5), sendo os restantes passos da sequência exemplos de produtividade da estrutura dos *e-termos*.

4. Considerações finais:

Surgindo de uma área tão propensa ao aparecimento de novas unidades como é a Internet, os *e-termos* são um bom exemplo de neologia no português, sobretudo devido à instabilidade a que estão sujeitos, a nível ortográfico, morfo-sintáctico e semântico. A sua integração e adaptação ao nosso sistema linguístico processa-se de forma variável: por empréstimo da forma anglo-saxónica, através de construção

⁸ LYONS, John (1977), *Semantics 2*. Cambridge: Cambridge University Press.

híbrida, em que o nome fica em inglês e o adjectivo em português e pela criação de equivalentes, quer respeitando a sintaxe do inglês, quer respeitando a sintaxe do português.

De facto, a partir do termo *e-mail*, que se apresentou como o precursor do “e-fenómeno”, rapidamente apareceram construções cada vez mais próximas do sistema linguístico do português. Daqui, passou a utilizar-se *e-* para designar, nas mais variadas áreas, “electrónico, o que é relativo à Internet” e, com a mesma estrutura, surgiram até construções em que a partícula *e-* foi substituída por outras como *c-*, *m-* ou *t-*.

A mesma estrutura mostrou-se tão produtiva que facilmente se constrói uma tipologia descritiva dos *e-terminos*, baseada, por um lado, na apresentação gráfica, por outro, no nível de integração em que a unidade se insere e, por outro ainda, na estrutura sintáctica que apresenta. Encontrámos 4 tipos: o primeiro obedecendo à estrutura do inglês (*e-business*), o segundo obedecendo à mesma estrutura mas grafado sem hífen (*eBusiness*), o terceiro obedecendo à estrutura do português (*cidadania-e*) e o último apresentando alguma criatividade de construção, motivada pela analogia gráfica e fonética de <e> e /e/.

Tendo em conta o carácter neológico dos *e-terminos*, procurou fazer-se uma descrição morfológica destas unidades lexicais. Assim, concluiu-se que *e-* é a truncação do adjectivo *electronic/electrónico* e que os *e-terminos* são palavras formadas por composição morfo-sintáctica. A hipótese de se considerar *e-* um elemento prefixal foi posta de lado quando se assume que a partícula é a truncação de um elemento que pode constituir um radical, o que, mais uma vez, reforça a ideia de que os *e-terminos* são compostos.

Finalmente achámos pertinente referir a importância da produtividade, enquanto motivadora da criatividade. Neste ponto, ao mesmo tempo que propunhamos uma sequência para a ordem de entrada dos *e-terminos* no português, mostrámos que formas como *e-nigma* são consequência da criatividade dos utilizadores, criatividade esta que só é possível graças à produtividade de “e-construções”.

Gostaríamos de ter analisado a realização fonética destes termos, mas tal não foi possível devido à inexistência de um *corpus* oral. Este pode constituir, no entanto, a base para um trabalho futuro.

Seria interessante encontrar respostas para esclarecer o tipo de evolução sofrida pelos *e-terms* seria interessante. Sendo cada vez mais frequente o surgimento de unidades ligadas à área da Internet, podia criar-se um banco de neologismos permanentemente actualizado, para que fosse possível dar conta da existência de fenómenos linguísticos ou lexicais.

5. Referências bibliográficas:

- ALVES, I. (1990). *Neologismo – Criação lexical*. São Paulo: Ed. Ática.
- ALVES, I. (2002). «Neologia técnico-científica e análise de corpus». In: *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional – Actas do VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. Lisboa: ILTEC / Colibri (no prelo).
- CABRÈ, Teresa, Judite Freixa e Isabel Solé Solé. (2000). *La Neologia en el Tombant de Segle*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada/IULA/Universitat Pompeu Fabra.
- CASTELEIRO, J. Malaca (coord.) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- CANUTO, Marie-Berthe Vittoz. (2001) «Le Lexique des Technologies de L'Information et de la Communication et son Intégration en Français et en Italien», In: *Revue Internationale de Lexicologie et Lexicographie - Cahiers de Lexicologie*. Paris: Honoré Champion.
- CORREIA, M. (ed.) (no prelo). *Terminologia e Indústrias da Língua*. Actas do VII Simpósio Ibero-Americano de Terminologia (Lisboa, Novembro de 2000).
- CORREIA, M. 1998. «Neologia e Terminologia» In: *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 59-74.
- CORREIA, M. (1999). *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico do português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- COSTA, J. A. e A. S. Melo (1999). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª edição. Porto: Porto Editora.
- CUNHA, C. e L. F. Lindley Cintra (1984). *Nova gramática do Português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- MATEUS, M. H. M e Ernesto d'Andrade (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- MATEUS, M. H. M. et ali. (no prelo). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Paper published in: Mendes, Amália & Tiago Freitas (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: APL & Colibri, pp. 121-130.

MATEUS, M. H. M. e M. F. Xavier (1990). *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. I. Lisboa: Edições Cosmos.

REY, Alain (1976), “Néologisme: un pseudo-concept?”. In: *Cahiers de Lexicologie*, nº 28, pp. 3-17.

SIEBEL, Thomas M. (2002). *Princípios de eBusiness*. Paris: Maxima.

VIGÁRIO, Marina (2001). *The prosodic word in European Portuguese*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.